

CHARLIE GALLAGHER

A  
PRÓXIMA  
VÍTIMA  
ÉS TU

Tradução de  
Adriana Falcão

alma  
dos livros

# Nota do autor

**I**nspiro-me no que faço e vejo no meu trabalho diário como detetive na linha da frente das forças policiais, embora os meus livros sejam inteiramente ficcionais. Sei que os agentes da polícia dos meus romances nem sempre são representados de forma positiva. São seres humanos e erram. Por vezes, é o que acontece na vida real, mas a vasta maioria dos agentes é honesta e faz um bom trabalho em circunstâncias difíceis. Pelo que me é dado a ver no dia a dia, os homens e mulheres que envergam o uniforme são das melhores pessoas que existem, e orgulho-me de fazer parte de uma das melhores forças policiais do mundo.

Charlie Gallagher

— **V**ejo o mundo. Vejo as pessoas que dele fazem parte, mas à distância. Estou isolado, não pertencço a nada. Sou invisível. — Estivera a andar de um lado para o outro. Aproximava-se agora dela, demorando-se na sua pele macia. Inspirou profundamente.

— Vi duas pessoas a abraçarem-se enquanto vinha para aqui, um amor verdadeiro a desabrochar junto ao canal; talvez fosse o princípio do resto das suas vidas. Quem sabe? Mas não me viram. Ninguém me vê. Tu não me viste... — Ergueu a lâmina, deliciando-se ao vê-la recuar o máximo que as amarras permitiam. O tecido áspero que servia de mordaca beliscava-lhe as bochechas de tal forma, que o tom branco destas contrastava de forma chocante com o borrão vermelho-escuro que restava do seu batom. Uma lágrima que estivera a formar-se corria agora livremente, despenhando-se na sua face antes de abrandar. Ele deixou escapar um suspiro precipitado, excitado, e aproximou-se para a lambar do seu rosto. Fechou os olhos para a saborear. Quando voltou a abri-los, focou-se na ponta da lâmina. Encostou-a à garganta dela.

— Mas, agora, já me vês — disse. Ela devolveu o olhar, sem pestanejar, e fitaram-se mutuamente num momento de perfeição absoluta. Os olhos dela eram grandes e belos. Estudavam cada centímetro dele. Não só existia no mundo dela, como também segurava a sua vida nas mãos. Era *tudo* para ela.

Empurrou a lâmina para a frente com um movimento brusco, ajustando o peso para conferir mais força ao golpe. Ignorou os olhos dela, fechando os seus. Sentiu a lâmina a abrir caminho e um líquido

quente deixou-lhe imediatamente as mãos pegajosas. O passo que deu na direção dela foi como um abraço. Estava presa pelos pulsos, com as mãos puxadas para cima, apresentando-lhe a sua silhueta em bicos de pés.

Esperou que os barulhos parassem. Manteve os olhos fechados. O líquido quente continuava a fluir. Sentia-o a cair em cascata por si abaixo enquanto os joelhos dela se contraíam contra as suas virilhas tanto quanto os tornozelos amarrados permitiam. A sua última dança durou apenas uns segundos, e ele não parou de inspirar, absorvendo a sua vida, a sua beleza... o seu medo.

Ela tombou sobre ele.

– Pronto... Está tudo bem. Vamos lá endireitar-te, sim? – Desapertou-lhe as amarras das mãos. O corpo dela precipitou-se pesadamente para a frente. Fez um esforço desesperado para não a deixar cair – ela não o merecia – enquanto a depositava no chão. Estava suficientemente próxima da parede traseira do apartamento para que esta pudesse suportar parte do peso. Deixou-a numa posição sentada contra a parede. Pôs as amarras que tinham estado em torno dos pulsos por cima da cabeça dela para que lhe segurassem o queixo. Foi o suficiente para lhe endireitar a cabeça numa pose mais natural contra a tinta imaculada das paredes. Era possível que a tinta ainda estivesse fresca, ou, talvez, que só tivesse sido aplicada há umas semanas. O espaço inteiro tresandava a renovações, como uma casa-modelo. Cortou as amarras à volta dos tornozelos e estendeu-as numa base mais larga para a impedir de cair. Dispôs as suas mãos de forma a estarem pousadas no colo, uma a segurar a outra, e, em seguida, cortou a mordada da boca.

Recuou quase até à porta. Estava satisfeito consigo mesmo. Parecia estar meramente sentada, à espera. Agora que tinha a cabeça levemente erguida, a ferida no pescoço era visível, mas talvez não fosse a primeira coisa em que alguém poderia reparar. Não perdera toda a beleza, toda a graciosidade natural. Restava qualquer coisa do seu espírito, talvez. Fora forte. Era uma mulher poderosa. Fora escolhida por esse motivo. Subitamente, sentiu-se quente; era algo que acontecia quando ficava excitado. Precisava de parar por uns instantes, de recuperar o controlo. Havia trabalho a fazer. Não podia perder a concentração.

Susteve a respiração e aproveitou o momento de quietude para saborear o que tinha feito. A mulher sentada espreitou-o com os olhos ainda abertos, um mais do que o outro. Porém, o foco desaparecera. Tudo desaparecera.

Ele voltara a ser invisível.

O carro-patrolha passou sob a barreira, sendo absorvido pelas sombras do parque de estacionamento de vários andares. O agente Vince Arnold tinha o vidro aberto. A acústica mudou instantaneamente, à medida que as pulsações do motor a gasóleo ressaltavam nas paredes e no teto de cimento, e os pneus chiaram de forma estridente quando fez a curva na primeira rampa. O sargento da patrulha de Vince, Tim Betts, praguejou quando o *smartphone* lhe escorregou do colo enquanto tentava aproximar com os dedos o texto minúsculo. Os detalhes da chamada a que estavam a dar resposta tinham sido enviados para o seu ecrã. Voltou a pegar no telemóvel e suspirou ao ler o conteúdo.

– Segundo o que temos aqui, pode ser qualquer coisa, desde alguém a tentar abrir as portas dos carros a um risco de suicídio. Um membro do público viu um homem suspeito a agachar-se entre os carros, a debruçar-se nos parapeitos e a correr de um lado para o outro.

– Parece-me um comportamento perfeitamente normal num sítio destes – disse Vince. – Há imensos drogados e bêbedos a usarem as escadas. Mexem-se todos assim... como se fossem selvagens!

Tim desistiu do telemóvel. Murmurou um palavrão e atirou-o para o *tablier* à sua frente.

– Vejo que o exercício físico está a ajudar com o *stress*! – disse Vince.

– O quê?

– O exercício físico. Disse-lhe que ajudaria. Vejo que me ignorou completamente.

– Quem é que tem tempo para fazer exercício? – disparou Tim.  
– Todas as pessoas calmas que vemos por aí. – Vince retraiu-se ao ouvir o pára-choques de plástico a raspar no cimento.

– Vais ver como fico calmo se tiver de escrever outro relatório sobre danos num carro conduzido *por ti*.

Vince fez um aceno despreocupado.

– O que é que se costuma dizer sobre omeletes? Não se fazem sem ovos, não é?

– Não estás a fazer uma omelete, Vince. Estás só a conduzir num parque de estacionamento.

– Que não precisava de ter rampas tão íngremes.

Durante breves momentos, fez-se silêncio no carro enquanto os dois homens tentavam identificar o tal homem suspeito nas sombras. O ritmo inicial de Vince era pouco superior a uma caminhada, mas a velocidade aumentava à medida que subiam. Aquela chamada entediara-o muito antes de entrarem no parque de estacionamento. Drogados a testarem os puxadores dos carros para procurarem trocos eram uma ocorrência diária e aquele era o sítio ideal. Havia uma concentração de carros estacionados nas sombras de uma estrutura mal concebida que oferecia uma vista elevada sobre os acessos. Um carro da polícia identificado seria avistado com tempo de sobra e a saída pedonal ficava do lado oposto à entrada dos veículos. Em tempos, Vince encarregara-se de escrever uma exposição a queixar-se ao governo local da fraca iluminação e da falta de câmaras de videovigilância. Como é óbvio, esta fora ignorada. Na altura, tinha pouco tempo de serviço e era mais entusiástico. Se fosse agora, não perderia tempo.

O motor engasgou-se quando viraram em direção à luz do dia e Vince teve de reduzir as mudanças. A última rampa parecia mais íngreme e o regresso à luz trouxe consigo um dilúvio de gotas de chuva que acionou os limpa-pára-brisas e eliminou toda a visibilidade. Vince voltou a subir o vidro.

– Bem, se estiver cá em cima, sabemos que há risco de suicídio.  
– Só havia três carros naquele piso, o que dificilmente compensava o esforço de um ladrão oportunista. Dois dos carros estavam perto de uma porta coberta que conduzia às escadas. O terceiro estava no canto mais afastado. Vince avançou para esse.

– Ali! – Tom apontou com o braço estendido à frente de Vince, que semicerrou os olhos para ver por entre o dilúvio. Parou o carro, descendo o vidro para ver melhor. Os dois carros estacionados à direita estavam virados para a cidade. A chuva parecia cair ainda com mais intensidade, as gotas individuais visíveis ao retumbarem no asfalto, preenchendo a cabina com ruído branco. A entrada para as escadas encontrava-se entre os dois carros. Eram duas portas e a esquerda estava a fechar-se.

– O que viu?

– Não sei. Alguma coisa a mexer-se.

– Estão a meter-se connosco. Vão desaparecer num instante. É muito mais rápido descer por aquelas escadas do que de carro.

– Deixa-me ali. Dou uma volta e encontro-me contigo lá em baixo. Toma nota das matrículas dos carros que estão cá em cima para podermos pesquisá-las, só para o caso de haver uma pessoa desaparecida de alto risco que tenha levado o carro. Nunca se sabe. E verifica se algum dos carros está destrancado.

Agora, era a vez de Vince suspirar.

– Sim, está bem. Vou ter consigo lá em baixo. Mas veja se sustém a respiração, consigo cheirar os degraus ensopados de mijo daqui!

Tim fez uma careta ao abrir a porta, indo ao encontro da chuva. A porta ficou imediatamente encharcada e Vince sentiu a água gelada a fazer ricochete no seu braço nu. O casaco impermeável de Tim estava no banco traseiro e o seu proprietário vergou-se sob a chuva enquanto puxava a porta de trás para o ir buscar. Vince não resistiu. Tirou o pé da embraiagem e deixou o carro-patrolha avançar um pouco. Viu pelo espelho o sargento a correr para não ficar para trás. Vince moveu o carro ainda mais para a frente para se manter fora do seu alcance e, depois, desceu o vidro do passageiro.

– Não há tempo para pegar no casaco, sargento! Há trabalho policial a fazer! – Ainda se ria a bandeiras despregadas quando o sargento estendeu o braço para a porta aberta e tirou de lá o casaco.

– Adoro que me tenham posto a trabalhar contigo, Vince – murmurou.

– Lembre-se disso quando fizer a minha avaliação de desenvolvimento profissional! – respondeu Vince.

– Oh, vou lembrar-me disto, não te preocupes. – A porta fechou-se com um baque surdo e Vince viu o sargento encaminhar-se para as portas duplas. Estava a vestir o casaco e a debater-se com o capuz para proteger a cabeça calva da torrente. Era uma perda de tempo; a água já escorria por ela abaixo. Os risos de Vince foram interrompidos por um pedido de atualização pelo rádio.

– Bem, já estamos aqui há mais de um minuto – resmungou, antes de premir o botão do rádio instalado no *tablier*. – Sim, sala de comando, fala *Yankee Quatro Zero*. Estamos a efetuar buscas no local. Deixei o sargento à chuva para garantir que são minuciosas. Devemos enviar atualizações em breve.

– *Recebido!* – Vince detetou riso na voz do operador. Ele próprio se riu ao ver Tim Betts, ainda a afastar-se, esticar o braço e o dedo do meio para o céu. Devia ter ouvido a conversa pelo rádio preso ao peito.

Vince aproximou-se do carro estacionado num lugar isolado. Apontou a matrícula e, em seguida, posicionou-se ao seu lado o mais perto que conseguiu para espreitar o interior. A condensação nos vidros sugeria que estivera recentemente ocupado. Não conseguia ver lá para dentro. Ia ter de sair do carro. *Raios!*

Fez marcha-atrás e puxou o travão de mão. O pára-brisas revestiu-se de uma camada opaca de água assim que os limpa-pára-brisas pararam de trabalhar. Empurrou a porta e a chuva abateu-se sobre ele, encharcando-lhe a face enquanto se levantava.

– Raios! – disse em voz alta. O rádio que levava ao peito emitiu um ruído. Era uma chamada direta. Regressou ao abrigo do assento e premiu o botão para atender.

– Sim?

– Vince, há alguém em movimento aqui em baixo, mas não me consigo aproximar. Estou perto do fundo das escadas, mas acho que voltou a subir. Podes descer daí a pé para tentarmos intercetá-lo?

– Tim parecia incomodado.

Vince espreitou a torrente cinzenta. Rodou a chave e os limpa-pára-brisas ofereceram uma vista desimpedida das portas distantes.

– Posso. É bom que ele não me obrigue a correr. Fico chateado quando as pessoas me obrigam a correr.

– Basta bloqueares a porta. Não precisas de pensar. Finalmente, alguma coisa em que és bom. – O bipe do rádio confirmou que as instruções tinham cessado. As vozes da rede voltaram a fazer-se ouvir quase de imediato. Vince baixou o volume.

Estacionou o mais perto possível das escadas. A porta era pesada ao abrir e lenta ao fechar. Parou no topo dos degraus para limpar a água do rosto e dos braços escorregadios. Escutou. Qualquer movimento nas escadas seria óbvio; não havia nada para amortecer o som. Só ouvia a chuva constante lá fora e um padrão de gotejamento irregular vindo do sítio por onde a água arranjava forma de entrar. Estava parado numa poça que cobria a zona da entrada e conseguia ver pegadas esborratadas, mas recentes, perto do cimo das escadas. Tinham sido usadas há pouco tempo por, pelo menos, duas pessoas diferentes. Seguiu o trilho.

Poucos degraus mais abaixo, estacou. Um *craque* sonoro reverberou pelas escadas acima. Parecia um carro a embater numa parede. Depois, seguiu-se o som de uma porta a abrir-se de rompante e a bater com firmeza na parede. O som parecia vir do piso diretamente abaixo. Os passos fizeram-se ouvir logo de seguida, movendo-se pelas escadas acima na sua direção. Vince olhou em volta. Só teve tempo de se esconder nas sombras. Os passos aproximaram-se; alguém estava a galgar dois degraus de cada vez. Ouvia-se igualmente uma respiração pesada e aflita. Vince afastou-se da parede, planeando o momento de forma a confrontar o vulto que corria, assim que este chegasse ao degrau superior.

O homem gritou de surpresa. Vince agarrou-o pelo braço direito com as duas mãos, prendendo o cotovelo para posicionar o braço atrás das costas. Aproveitou a velocidade que o homem levava para o encostar à parede. Este arregalou os olhos. Estava sem fôlego e envergava somente uma camisa e um par de calças. Tinha as costas encharcadas, a camisa colada às mesmas num padrão que mais parecia formado pelo suor, e não pela água da chuva. Também estava quente.

– Largue-me! Temos de ir!

– O que anda a tramar? Porque é que estava a correr? – Vince sentiu-o a tentar libertar o braço e aumentou o ângulo da posição,

sabendo que a dor motivaria a obediência de que precisava. O homem fez um esgar e encostou-se ainda mais à parede.

– Estão a tentar matar-me! Não está a perceber, vão matar-nos aos dois!

– Do que é que está a falar? Quem?

– O seu colega lá em baixo! Deram-lhe um tiro! Eu vi. Querem-me a mim, vão matar-me!

Vince arranjou forma de ajustar a posição de maneira a manter a tensão com uma só mão. Com a outra, arrancou as algemas do suporte na parte exterior do colete tático. Prendeu-as com um estalido no pulso do braço que segurava contra o fundo das costas do homem. Arrastou-o alguns passos para o lado para poder prender a outra extremidade das algemas ao corrimão grosso. Os olhos do homem arregalaram-se.

– O que está a *fazer*? Andam à minha procura! Vão encontrar-me aqui! Temos de ir, tem de me tirar daqui!

Vince ignorou-o. Levou a mão ao rádio para chamar Tim.

– Eu não faria isso. – Uma voz diferente, num tom firme e determinado, fez-se ouvir atrás dele. Um objeto sólido foi encostado à nuca de Vince, restringindo os seus movimentos. – Não olhe para mim. Por enquanto, não tenho de o matar.

– Quem é você? O que se passa aqui? – perguntou Vince. O homem que algemara ainda estava virado para ele, com os olhos muito abertos de medo. Fixaram-se nos de Vince.

– Tal como disse, por enquanto, não tenho de o matar. Faça o que eu digo e não será preciso haver uma mudança de planos. O seu colega não fez.

Vince retraiu-se. Sentiu uma pressão adicional instantânea na nuca. Curvou-se para a frente para aliviar a dor.

– Pare com isso! – avisou a voz.

– O que lhe fez?

– Ele não precisa de se esvaír em sangue. Mas é o que vai acontecer se continuar a fazer perguntas.

Vince ouviu mais passos abafados à direita. Alguém parou uns degraus mais abaixo, fora de vista. Vince só podia presumir que acompanhava o homem atrás de si.

– Mãos ao alto. Se fizer movimentos bruscos, primo o gatilho.

Vince hesitou. O choque inicial passara e estava a começar a ferver de raiva. Disse a si mesmo que não estava em posição de reagir, que ia acabar morto. Afastou os braços tensos do corpo. Sentiu alguém a aproximar-se dele e uma mão a arrancar o rádio do clipe que trazia ao peito, rodando-o e puxando-o num movimento fluido como se soubesse o que estava a fazer. A seguir, os seus bolsos foram revistados e os telemóveis e as chaves do carro foram-lhe retirados. Apercebeu-se de que os objetos estavam a ser atirados pelo poço das escadas. Houve uma breve pausa antes de os ouvir bater no chão.

– Quando eu disser, vire-se para a esquerda e vá até à parede. O mais perto possível. De frente para ela. Espere que lhe diga para se voltar a mexer. Depois, pode ir ter com o seu colega. Se se virar, ou se eu achar que se vai virar, dou-lhe um tiro na cabeça. Entendido?

– Onde é que ele está? – Vince sentiu a pressão na nuca a relaxar. Endireitou-se. A tensão fazia-lhe doer o fundo das costas. Ainda estava a olhar para o homem que algemara ao corrimão, que ia abrindo e fechando os lábios até conseguir que estes formassem palavras.

– Não me pode deixar aqui! É polícia, porra! Ele vai matar-me!

– Cala-te! – exclamou a voz atrás de si. Vince vislumbrou uma mancha negra pela visão periférica. O homem encolheu-se, encostando-se e levantando o braço livre. – Agora, vire-se lentamente para a esquerda e fique contra a parede. Não me obrigue a matá-lo. Não vou hesitar.

As ordens eram para Vince, proferidas diretamente ao seu ouvido. Vince virou-se, deixando de ver a expressão suplicante do homem afligido. Deu dois passos até estar suficientemente perto para respirar contra os tijolos polidos.

– Pode mexer-se quando eu disser. O seu colega está no piso abaixo. Entre os dois primeiros carros. Vire à direita ao sair pela porta.

Vince ouviu mais sons abafados nas escadas e, depois, passaram por ele pelo menos dois conjuntos de passos diferentes. Ouviu a porta a abrir-se atrás de si e o barulho da chuva impôs-se momentaneamente. A porta fechou-se e o som desapareceu. Passaram alguns segundos. Pareceram durar uma eternidade.

– Já posso ir? – rosnou Vince. Não obteve resposta e, depois, ouviu novamente o som da chuva. Apercebeu-se de um motor no exterior, bem como da água a chapinhar à medida que o carro encostava e se preparava para partir. Vince esperou, com o corpo inteiro rígido de tanta tensão.

– Olhe para os degraus. Não olhe para mim. Desça um piso e saia pela porta. Se voltar a entrar nas escadas, vai levar um tiro. Se olhar na direção das escadas, sequer, vai levar um tiro. Pode ir.

Vince hesitou. Virou-se devagar, mantendo o olhar nas escadas. Ouvia um raspar metálico no corrimão, mas evitou o contacto visual com o homem que algemara. Quando Vince chegou ao topo das escadas, a hesitação já se dissipara. Desceu-as a correr, saltando os últimos degraus e aterrando num patamar que obrigava a fazer uma curva apertada. Manteve a cabeça baixa, procurando apenas as portas que conduziam ao exterior do poço das escadas. Abriu-as de par em par, virando abruptamente à direita, como lhe fora dito, e passando pelo primeiro carro.

Viu imediatamente Tim, que estava deitado de lado. O carro seguinte devia ser branco, mas os salpicos vermelhos na lateral eram suficientes para travarem Vince por momentos. Em seguida, caiu de joelhos junto ao colega abatido e puxou-o até este estar deitado de costas. Tinha o rosto estranhamente pálido, os lábios de uma tonalidade escarlate e os olhos abertos e imóveis.

– Tim! Tim, consegue ouvir-me? – Sacudiu-o pelos ombros. Não houve resposta, nenhum movimento. Debruçou-se até ter a face quase encostada aos lábios de Tim. Também não respirava.

Vince mexeu freneticamente no casaco impermeável do colega, que estava aberto. Afastou-o para desapertar o fecho do colete tático, procurando desesperadamente qualquer coisa. A *T-shirt* preta de Tim estava ensopada, mas não era água. Estava pegajosa. A mão ensanguentada de Vince disparou para o próprio colete tático, onde deveria estar o rádio que lhe fora arrancado e atirado pelas escadas abaixo.

– *Socorro!* – bradou. – *Socorro!*

Puxou a *T-shirt* de Tim para fora das calças para avaliar os ferimentos. Havia uma massa de sangue. Acumulara-se debaixo da roupa de Tim e fluía agora livremente, batendo no chão em cascata.

Vince ouviu outro *craque*. Era o mesmo som de antes. Vince sabia que tinha sido um tiro. Estacou por momentos, procurando com o olhar alguém com um telemóvel. Qualquer pessoa. Ouviu passos pesados a correrem pelas escadas abaixo atrás de si. Passaram pelo piso onde se encontrava. Não se virou. Não pararam. Vince começara a fazer compressões torácicas. Sabia que era demasiado tarde.